



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Maria do Perpétuo Socorro Pereira de Souza

AFETIVIDADE NO CUIDADO FAMILIAR COM O IDOSO: um estudo documental

Palmas - TO  
2019

Maria do Perpétuo Socorro Pereira de Souza

AFETIVIDADE NO CUIDADO FAMILIAR COM O IDOSO: um estudo documental

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. M.e. Ana Letícia Covre Odorizzi Marquezan

Palmas - TO  
2019

Maria do Perpétuo Socorro Pereira de Souza

AFETIVIDADE NO CUIDADO FAMILIAR COM O IDOSO: um estudo documental

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.e. Ana Letícia Covre Odorizzi Marquezan

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Orientadora Me. Ana Letícia Covre Odorizzi Marquezan  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Cristina D’Ornellas Filipakis Souza  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas - TO  
2019

Dedico à minha mãe (*in memoriam*) por uma vida de dedicação e cuidado ao outro, por ser a pessoa mais afetuosa e humilde que muito me ensinou, deixando um legado de amor e perdão, motivação maior em nossa família.

## **AGRADECIMENTOS**

Sem o amor de Deus e o poder do Espírito Santo eu nada seria. Nossa Senhora foi quem amparou-me nos medos e angústias. Ao meu esposo Ivan de Sá Bandeira e meus filhos, Pedro e João, que nunca duvidaram da minha capacidade em chegar até onde eu quisesse ir, todos e cada um, à sua maneira, possibilitaram alcançar essa meta, fechamento de um ciclo de vida.

Agradeço ainda às pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa caminhada: colegas, professores, coordenadores, as amizades construídas e fortalecidas nesse percurso, decisivas para o enfrentamento de situações em que, muitas vezes, pensei não conseguir ir adiante...Chegar até aqui foi obra de forças divinas que colocaram as pessoas certas na minha vida para que fosse possível a realização desse sonho.

O mundo objetivo cada vez toca menos diretamente no teclado dos estados afetivos “elementares”, mas o valor continua a ser uma possibilidade permanente de prazer e de dor. Se não é na experiência do prazer e da dor, da qual não há nada a dizer, o sujeito define-se por seu poder de representação, e a afetividade não é reconhecida como um modo original de consciência. (Maurice Merleau-Ponty)

## RESUMO

SOUZA, Maria do Perpétuo Socorro Pereira. **AFETIVIDADE NO CUIDADO FAMILIAR COM O IDOSO: um estudo documental**. 2019. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

A velhice é um fenômeno natural e crescente. Há um número cada vez maior de pessoas envelhecendo. Com esse envelhecer, perdas ocorrem, a maioria inevitáveis, como perda da saúde, dos papéis sociais, lutos, dentre outros. Sendo assim, existe a preocupação quanto a ofertar melhores condições para um envelhecimento saudável e com autonomia ao idoso, apontando as teorias que corroboram para a afetividade nos laços familiares e nas relações dialógicas como facilitadoras na convivência com o idoso. Este trabalho refere-se a uma pesquisa documental que objetiva reconhecer a importância da afetividade no cuidado familiar da pessoa idosa, discorrer sobre o fenômeno do envelhecimento, discutir sobre os desafios desse cuidado familiar, e analisar a importância da afetividade nessa fase do desenvolvimento humano. Assim, a relevância do tema justifica-se pela contribuição com a pesquisa acadêmica. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório na qual foram selecionados 6 artigos das bases de dados BVS-Psi, Pepsic e Scielo, sendo eles analisados e dispostos em fichas sínteses. Constatou-se, por meio dos resultados, que os cuidadores familiares são em sua maioria as filhas e o estresse advindo da função de cuidar tem sua preocupação pelo alto custo, por ter que adaptar o ambiente, tecnologias e materiais necessários ao cuidado de qualidade, e ainda, quanto maior a dependência e fragilidade do idoso, aumenta a tensão excessiva do cuidador familiar. Quanto à questão da afetividade, os resultados se mostraram escassos, pois a área de estudo em sua maioria é a educação, com autores de renome da psicologia, que tratam o processo de aprendizagem tendo como facilitador a afetividade. Esta pesquisa buscou contribuir para o crescimento científico a respeito da temática do envelhecimento, em especial, o cuidado familiar e a saúde mental, tanto do cuidador quanto do idoso, fornecendo suporte para novas pesquisas, e, ainda, para o desenvolvimento e produção teórica e prática, em especial, na área da Psicologia.

Palavras-chave: Afetividade, Cuidado Familiar e Idoso.

## ABSTRACT

SOUZA, Maria do Perpétuo Socorro Pereira. **AFFECTIVITY IN FAMILY CARE WITH THE ELDERLY: a documentary study**. 2019. 53 f. Course Completion work (graduation) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas/TO, 2019.

Old age is a natural and growing phenomenon. There are more and more people getting older. With this aging, losses occur, most inevitable, such as loss of health, social roles, grief, among others. Thus, there is concern about offering better conditions for a healthy aging and autonomy for the elderly, pointing out the theories that corroborate affectivity in family ties and in dialogic relationships as facilitators in the coexistence with the elderly. This paper refers to a documentary research that aims to recognize the importance of affectivity in elderly family care, discuss the aging phenomenon, discuss the challenges of family care, and analyze the importance of affection in this phase of human development. Thus, the relevance of the theme is justified by its contribution to academic research. As for the methodology, it is an exploratory research in which 6 articles of the BVS-Psi, Pepsic and Scielo databases were selected, being analyzed and arranged in summary fichas. It was found that the family caregivers are mostly daughters and the stress arising from the care function is concerned with the high cost of having to adapt the environment, technologies and materials needed to care for quality, and also, the greater the dependence and fragility of the elderly, the excessive tension of the family caregiver increases. As for the issue of affectivity, the results were scarce, since the area of study is mostly education, with authors renowned in psychology, who treat the learning process with the facilitator affectivity. This research sought to contribute to scientific growth regarding aging, especially family care and mental health, both caregiver and elderly, providing support for new research, and also for the development and production of theoretical and practice, especially in the area of Psychology.

Keywords: Affectivity, Family and Elderly Care.

## SUMÁRIO DE TABELAS, FIGURAS E SÍNTESES

Tabela 1: Resultado das buscas nas bases de dados geral.....	28
Tabela 2: Artigos selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão.....	29
Figura 1: Organograma dos artigos selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão.....	30
Ficha síntese artigo 01: Cuidadores de Idosos e Tensão Excessiva Associada ao Cuidado: evidências do Estudo SABE.....	35
Ficha síntese artigo 02: Relação no cuidado entre o cuidador familiar e o idoso com Alzheimer .....	36
Ficha síntese artigo 03: Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas hospitalizadas e a experiência de intercorporeidade.....	37
Ficha síntese artigo 04: Vivências de familiares no cuidado à pessoa idosa hospitalizada: do visível ao invisível.....	38
Ficha síntese artigo 05: Afetividade e Conflito nas Díades Familiares, Capacidade Funcional e Expectativa de Cuidado de Idosos.....	39
Ficha síntese artigo 06: Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso.....	40

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BVS-Psi - Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia

CF - Constituição Federal

CFP - Conselho Federal de Psicologia

DA - Doença de Alzheimer

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MS - Ministério da Saúde

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PEPSIC - Periódicos Eletrônicos em Saúde

PNSPI - Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa

SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SUS - Sistema Único de Saúde

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UnATI- Universidades Abertas para a Terceira Idade

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
2.1 VELHICE COMO FENÔMENO CRESCENTE DE VIDA E DE MORTE.....	13
2.2 AFETIVIDADE E CUIDADO FAMILIAR COM O IDOSO.....	18
<b>2.2.1 Visões teóricas acerca da afetividade.....</b>	<b>20</b>
2.3 DESAFIOS DA FAMÍLIA CUIDADORA DO IDOSO.....	22
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O crescente número de pessoas envelhecendo em todo o mundo, aliado ao avanço das pesquisas e tecnologias, contribuíram para o aumento da expectativa de vida e consequentemente da longevidade humana, considerando que, quando se discute a velhice e envelhecimento, constata-se que esses são fenômenos naturais e por isso, variam no tempo histórico. Neri, *et al* (2012) discorrem ainda acerca do termo velhice, abrangendo que ser velho, idoso, da melhor idade, dentre outros termos, termina por ser utilizado, em sua maioria, pelos mais diversos autores e ambientados de acordo com aspectos sociais, culturais e psicológicos.

Para especialistas que trabalham com o estudo do envelhecimento humano, essas terminologias podem variar ou divergir sobre o correto uso dos respectivos termos relativos ao envelhecimento. Rodrigues; Soares (2006, p.3) defendem aspectos de legalidade “[...] idoso é a denominação oficial de todos os indivíduos que tenham sessenta anos de idade ou mais”. Citam que é utilizado como critério para o senso demográfico, e ainda pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como também pelas políticas sociais que trabalham com esse público alvo.

Portanto, nesta pesquisa, o termo “idoso” foi utilizado para representar o sujeito na velhice. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), idoso corresponde a idade de 60 anos, aos que vivem nos países em desenvolvimento, já a idade de 65 anos é direcionada aos que vivem em países desenvolvidos, constituindo assim critérios que determinam condições para a pessoa que adentra a velhice (ZIMERMAN; OSÓRIO, 1997).

De certo modo, a velhice passou a ser vista sob estereótipos criados com uma visão carregada de preconceitos, sentidos de inutilidade e dependência, fazendo com que os idosos passem a encontrar algumas dificuldades para se inserir no contexto ao qual pertencem ou que desejam ter acesso, como, por exemplo, ao mercado de trabalho, com isso causando nos mesmos um isolamento, ainda que residindo com seus familiares (RIZZOLLI; SURDI, 2010).

Freitas; Queiroz e Souza (2010) acreditam que em face dessa realidade, importa compreender a velhice em sua totalidade porque é, ao mesmo tempo, um fenômeno biológico com aspectos psicológicos, levando-se em conta que determinados comportamentos são atribuídos como próprios da velhice. E esta tem uma dimensão existencial, que muda a forma como a pessoa relaciona-se com o tempo, o mundo e a sua própria história. Por isso, os autores atribuem a velhice como um fato social e cultural, a qual sendo uma etapa do curso da vida decorrente do avanço da idade cronológica, acontecendo mudanças de ordem biopsicossocial que acabam por afetar as relações da pessoa com o seu contexto social.

Existem uma infinidade de formas de se trabalhar com o público idoso, por exemplo às intervenções culturais, artísticas, intervenções psicossociais e educativas em tecnologia, educação sexual, grupos de convivência com as mais diversas atividades físicas e práticas pedagógicas, dentre outras. Essas e outras práticas são objetivadas com intuito de promover e facilitar a inserção na sociedade e ainda representar para o idoso uma velhice baseada em significações pessoais mais ricas e de autonomia.

Adamo *et al.* (2017) discorrem acerca desse contexto da velhice e do idoso, criando políticas públicas atuando nas necessidades desse público. Exemplificando assim, o surgimento dos programas educativos com espaços que têm como objetivo oportunizar aos idosos uma forma para que estes utilizem seu tempo livre, como as Universidades Abertas para a Terceira Idade (UnATI), espaços que visam tanto a atualização quanto a aquisição de novos conhecimentos, com isso possibilitando a participação de forma integral, e elevação da autoestima, dentre outras possibilidades, melhorando a qualidade de vida dessa população.

Diante disso, levantou-se a questão: qual a importância da afetividade no cuidado familiar do idoso? Com a hipótese que a afetividade no cuidado familiar do idoso gerará uma melhora na qualidade de vida desse idoso nos seus aspectos biopsicossociais, permitindo que haja entre os familiares a colaboração efetiva.

Para investigar essa questão, este estudo visa a pesquisa de literatura, no período de 2014 a 2018, por meio da verificação de artigos nas bases de dados Pepsic, Scielo e BVS-Psi, que correlacionam esse assunto por meio de palavras chave. Com relação à análise do material encontrado, foi elaborado através de ficha síntese, nas quais especificaram-se as ideias centrais dos autores que, posteriormente, foram debatidas e analisadas, assim resumidas para serem organizadas e dispostas nas fichas síntese.

Caracteriza-se, portanto, como uma pesquisa documental, cujo objetivo metodológico exploratório busca compreender a velhice, tendo como objetivo geral reconhecer a importância da afetividade no cuidado familiar com o idoso; e os objetivos específicos visam discorrer sobre o fenômeno do envelhecimento; discutir sobre os desafios do cuidado familiar; e analisar a importância da afetividade nesse cuidado familiar com a pessoa idosa.

Atualmente, há inúmeros estudos que contribuem para a compreensão do envelhecimento e da velhice, que demonstra o quão importante é que haja a percepção de que ambos são complexos e que envolvem fatores biológicos, psicológicos e sociais, principalmente, por apresentar um olhar da sociedade construído acerca da identidade do idoso em contraposição à identidade de juventude.

Logo, surgiram curiosidades em aprofundar mais a respeito desse tema e universo, no qual é crescente e preocupante, por ser um processo que necessita da colaboração de todos os setores da sociedade, e requer de cada indivíduo uma construção própria de entender, aceitar e colaborar para que a velhice e o idoso possam ser vistos dentro de suas próprias limitações como também de potencialidades.

Sabe-se que ser cuidador familiar de idoso é um grande desafio, devido às dificuldades impostas por fatores como a falta de informação em relação a função de cuidador, o suporte psicológico, a questão financeira e social que, possivelmente, ocasionará um estresse excessivo, que poderão prejudicar a qualidade do cuidado familiar com o idoso.

A partir desta pesquisa será possível colaborar para a sociedade, de forma abrangente, fornecendo-lhes dados que venham a responder e esclarecer as demandas dessa população, tanto para a elaboração de projetos, quanto para inserção e autonomia do idoso. Deve-se levar em conta que pesquisas e estudos busquem alcançar essa área, visando contribuir para a saúde psíquica do idoso em suas múltiplas e variadas problemáticas, relacionadas a essa fase do desenvolvimento humano. Este trabalho tem sua importância para o conhecimento científico, com intenção de contribuir com a produção acadêmica, elevando o número de trabalhos produzidos, principalmente, pela área da psicologia.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 VELHICE COMO FENÔMENO CRESCENTE DE VIDA E DE MORTE

De acordo com Scheneider; Irigaray (2008), a velhice é estabelecida como o período da vida caracterizado por peculiaridades no envelhecer, podendo ser interpretada e compreendida quando relacionada a diferentes aspectos tais como o cronológico, o biológico, o psicológico e os sociais, interagindo por meio das condições culturais nas quais o indivíduo está inserido. Assim, o contexto de vida termina por ser determinante para o processo do envelhecimento e da idade, pois tanto o indivíduo quanto a sociedade relacionam-se e interagem diretamente um com o outro.

Segundo Combinato *et al.* (2010), a revolução industrial e o desenvolvimento do capitalismo destacam-se como marcos referenciais em que a velhice passou a significar decadência, sinônimo de exclusão e marginalização. Afirmam ainda que, no ímpeto por mudanças, as sociedades modernas passam por um processo em que tentam igualar bens, objetos e pessoas no mesmo patamar. Assim como a velocidade do tempo de forma linear às pessoas idosas que são representantes de tal processo, tornam-se relegadas.

É importante que o idoso, enquanto participante de uma etapa de vida, que passa por um processo no qual está envolvido a vivência de perdas, possa entender que, como em outras etapas, acontecem os ganhos. Procurando assim combater ideias de incapacidade ou afastamento dos afazeres sociais e a dependência que se associa de forma comum à imagem da velhice, em nossa sociedade. Séhn, Carrér (2014, p. 16) afirmam que: “Na sociedade brasileira, cada dia é maior o contingente de idosos que estão impedidos de viver essa etapa de vida com dignidade, alegria e prazer”. Possibilita-se com isso que se discuta o processo de envelhecimento, como também, o prolongamento da vida, ambos de forma coerente, não apenas como uma atitude isolada. Todavia, é necessário que haja uma integração entre o idoso e a família, as instituições e os diversos profissionais com suas especialidades.

Nesse sentido, é importante frisar que os cientistas que se especializam em gerontologia classificam os processos do envelhecimento, referindo-se a três grupos de adultos idosos: velhos jovens, velhos-velhos e ainda os velhos mais velhos (PAPALIA; OLDS, 2000), determinando, de maneira cronológica, as necessidades e dificuldades a que o envelhecimento de cada grupo de idosos irá exigir, oportunizado pelo aumento vertiginoso e crescente da idade dessa população.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), o qual exhibe que a expectativa de vida ao nascer, em 2030, será de 78,3 anos para os brasileiros, observam-se que os indicadores sociodemográficos prospectivos geram preocupação com o cenário atual, ao contrário do que era apontado em 2005, quando a expectativa de vida ao nascer era de 72,5 anos, no Brasil.

Conforme descrevem Marins; Hansel; Silva (2016), será a primeira vez na história moderna que a quantidade de pessoas com idade superior aos 60 anos passará a ser maior que a quantidade de crianças com idade inferior aos 14 anos. Com isso, cabe afirmar que a população de pessoas idosas se encontra em fase de envelhecimento, já que em alguns países do mundo o grupo etário que apresenta maior crescimento é o dos indivíduos com idade superior aos 80 anos.

Esse envelhecimento acontece de forma diferente e com causas específicas, seja de acordo com o país, ou com as altas taxas de imigração. O que influencia também são as baixas taxas de nascimento, a tendência de se constituir famílias menores nas últimas décadas, ocasionando a redução dos grupos de pessoas mais jovens (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

No entendimento de Papalia; Feldman (2013), a velhice passa a ser caracterizada e compreendida com peculiaridades próprias dessa etapa do desenvolvimento do ser humano, principalmente por se estabelecer uma relação por meio dos diferentes aspectos de ordem cronológicos, biológicos e ainda psicológicos e social, que terminam por ser uma interação instituída culturalmente, na qual acontece a inserção do indivíduo.

Por meio das condições históricas e políticas, como da economia e ainda geográficas é que são produzidas diferentes concepções e representações sociais de velhice e do idoso; criando através disso, atitudes presentes na sociedade, e na forma das pessoas enfrentarem e conceberem os aspectos relacionados ao contexto do envelhecimento (SCHENEIDER; IRIGARAY, 2008).

Assim, Beauvoir (1990) traz o entendimento acerca do assunto, no qual é necessário que se viva essa etapa da vida de forma branda, vivendo-a primeiramente no corpo e depois na alma, pois, envelhecer demanda mudança e aceitação, não só pela própria pessoa em si, mas de todos que a cercam. A velhice, primeiro vivemos tal como nos apresenta no corpo, porém a inquietude toma conta do nosso corpo, ao simples fato dessa constatação, de que essa velhice chegou, causando com isso uma estranheza nessa percepção de envelhecer.

Uma outra perspectiva, a étnico indígena, que desde cedo o indivíduo aprende que o seu corpo é sagrado, por isso mesmo, possuem a obrigação de tratá-lo com cuidado. “Aprendemos que nosso corpo tem ausências que precisam ser preenchidas com nossos sentidos” Munduruku

(2012, p. 69). O autor supracitado define a importância de ser velho em sua cultura “[...] ter sorte na vida é morrer velho. E quer-se morrer velho. Morrer velho é a garantia de que nosso povo não morrerá” (MUNDURUKU, 2012, p. 71). Desse modo, nessa cultura, aos pais fica a responsabilidade pela educação do corpo, todavia, cabe aos velhos a educação da mente, e, em consequência, do espírito; rompendo assim com crenças de que velhice seja sinônimo de finitude, de descaso.

Profissionais de várias áreas do conhecimento têm estudado a velhice como um grupo diverso, e à medida que se torna mais numeroso, maior a sua diversidade. Esses esforços contribuem para que o crescente número de pesquisas e estudos se volte à promoção de maior qualidade de vida para a população idosa, assim as teorias sobre o envelhecimento e suas causas se intensificam em combater estereótipos e preconceito de idade.

Papalia e Olds, (2000), advertem sobre a importância em se ver além das imagens mostradas de forma multifacetada e mesmo distorcida sobre a idade que são divulgadas, de modo que não haja engano sobre a verdade das dificuldades que o envelhecimento traz em si e que se quer enxergar com lentes escuras, sem os esclarecimentos necessários para um maior entendimento sobre essa fase. É preciso entender que a velhice faz parte do ciclo normal da vida humana, caracterizado por desafios, como também oportuno ao crescimento do indivíduo.

A partir dessas reflexões, Pereira *et al.* (2004), discorrem sobre o envelhecimento como um processo que poderá variar bastante entre as pessoas e que é grandemente influenciado pelo estilo de vida e por fatores genéticos. Para os autores, a partir de vários estudos e pesquisas, assim como de teorias sobre especialistas da área do envelhecimento, há que se concordar que o ser humano, de modo geral, poderia ter mais de uma centena de anos em sua vida, cerca de duas décadas a mais, perfazendo um acréscimo de longevidade na velhice do idoso contemporâneo, desde que em concordância com seu perfil genético e o estilo de vida praticado de forma ideal, atendendo aos princípios de alimentação e práticas esportivas saudáveis.

Em relação à passagem do tempo, Correa (2009, p. 89) adverte que “A vivência do homem contemporâneo, imerso nesse constante presente, igualmente se traduz diante do culto ao corpo jovem como um valor, um bem a ser adquirido por meio das mais variadas práticas”. Considerando que o ideal de permanecer jovem eternamente e cristalizado na juventude, meio esse estimulado pela medicina antienvelhecimento, que promete até mesmo atrasar o nosso relógio biológico, aliado a uma forma que reduza a velocidade do tempo, minimizando, ainda, as possíveis patologias decorrentes do processo que essa fase pressupõe, como também os efeitos no corpo e até o limite da morte, uma contínua redução na aceleração biológica desse nosso relógio cronológico, fato que permeia o ideal de ser jovem para sempre.

A supracitada autora Correa (2009, p. 91) afirma que a ação do tempo que, porventura, provoca “defeitos” é constante alvo de vultosos investimentos do mercado de consumo repleto em produtos que combatam os efeitos do tempo nos corpos, e, de quebra, tenha uma fórmula para o “elixir da juventude”. Não obstante, esse culto que se faz à juventude acaba por desprezar e até mesmo a desqualificar o corpo que se apresenta na velhice, como sendo necessário remendar, reparar, para ser aprazível tanto aos olhos como para os aspectos saudáveis.

Pode-se, então, citar que a famosa expressão “fonte da juventude”, muito ouvida e contada nas histórias de tantas culturas, encontra-se bem expressa na atualidade sob a forma de cremes e elixires rejuvenescedores em constante veiculação na mídia ou nas prateleiras de farmácias e/ou websites de medicina alternativa, com promessas de juventude, melhor performance sexual, cognitiva e muscular para viver com uma boa saúde mental. Tudo isso sob a forma de cápsulas de antioxidantes, vitaminas, ervas e tantas outras fórmulas que se intitulam quase “mágicas”, disponíveis no mercado de consumo. “As pessoas que se sentem feias com o passar dos anos, que sofrem porque rejeitam o corpo enrugado pelo tempo, que não aceitam sua nova imagem, esquecem a beleza interior, a rica vida vivida [...]”. (PASCUAL, 2002, p. 39).

De acordo com Straub (2005, p. 558) “[...] sem uma bala mágica, as pessoas esperam viver mais tempo do que coortes anteriores”. Elas acreditam que muitas das doenças que acometiam nossos ancestrais, citando como exemplo a difteria, o tétano, a pólio, a varíola, a febre reumática, foram quase totalmente erradicadas.

Desse modo, Correa (2009, p.16) acredita que a preocupação com a finitude no corpo “Frente a um cenário de abolição do tempo, no qual a velhice é negada e se exalta a figura perene da juventude, não deixa de ser um grande desafio pensar no papel do profissional psi na atuação com idosos”. Segundo ela, são necessárias formas de se romper e até mesmo impedir que as barreiras em avançar no tempo e mesmo no espaço sejam diversificadas para que se trabalhe com variadas formas e maneiras de subjetivação frente a esse contexto.

Para descobrir significado e mesmo propósito na vida, cabe ao ser humano desenvolver experiências que o aproxime do inevitável: a morte. Quanto melhor a compreensão deste acontecimento como um fato biológico, melhor será a aceitação do fim como espécie humana, com tempo de vida programado. Embora tenha seus aspectos médicos, psicológicos, sociais, e legais do ponto de vista jurídico, ainda assim a morte é vista como o fim dos processos corporais. (PAPALIA; OLDS, 2000).

Foi a partir da conscientização da própria vida que foi dada a oportunidade de olhar para o futuro, pensando em possibilidades e necessidades, desse modo, podendo planejar-se e organizando para que eventuais demandas aconteçam dentro do esperado, com o mínimo de

perdas e mais qualidade de vida. Contudo, a maturidade da vida, de forma necessária, acaba por conscientizar as pessoas do aspecto da finitude da existência. “Assim, o significado da morte não se faz presente apenas no fim da vida, mas perpassa o processo de desenvolvimento humano e está presente no cotidiano[...]” Ribeiro, *et al.* (2017, p.881), afirmam ainda que, quanto mais vivemos, muito mais risco corremos em perder pessoas ou algo importante, fator que pode gerar estresse e ainda fugir do controle.

Conforme Papalia e Feldman (2013) a morte, embora seja uma condição pertencente a todos os seres vivos, é composta também por diversos aspectos, tais como os sociais, culturais, históricos, sendo que, frequentemente, tais aspectos acabam por estar interligados.

Desse modo, Neri (2011, p. 280) destaca a importância de se pensar no assunto quando diz que a morte sempre foi uma questão existencial e, provavelmente, sempre será, sendo mais profunda, ainda, quando pensada de forma individual. “Desde os primórdios da vida, a morte representa um desafio para o homem”. Sendo assim, tal assunto sempre causa impacto e acaba por influenciar o modo que as pessoas têm de agir frente a situações que envolvem a morte, o sentimento de luto, perda, pesar pela dor do outro. O que, de alguma forma, determina o comportamento e sentimentos das pessoas que são moldados e estruturados não só pelo tempo, como também pelo lugar em que vivem.

Pode-se encontrar na filosofia e na religião lugares que servem para reconfortar as pessoas depois de perdas, como mostram os autores. Na Grécia Antiga, os filósofos diziam que filosofar era de certa forma, aprender a morrer. A trajetória humana ao longo do ciclo vital é construída culturalmente e experimentada de forma singular. “Cada fase determina e prediz as possibilidades no momento posterior: envelhecemos como vivemos”. (MOURA; VERAS, 2017, p. 30).

Assim, envelhecer e enfrentar as perdas que se relacionam à morte de amigos, companheiros, e ainda as mudanças no corpo e suas marcas, que acontecem com o envelhecimento, como, também, ao fim de relações de trabalho ou de relacionamentos sociais e familiares são grandes perdas, não só das dimensões físicas, como das psíquicas. Diante desses enfrentamentos torna-se necessário potencializar resiliências para a superação e, conseqüentemente, para a saúde mental do indivíduo.

Cocentino; Viana (2011) defendem as perdas orgânicas ocorridas no processo do envelhecimento, tais como perda da memória, da potência sexual, do vigor físico, da beleza, da juventude, como, também, de status, de papéis familiares e de emprego, da valorização na sociedade ocidental podem ser vistas como perdas simbólicas, vivenciadas na velhice como um verdadeiro luto. Considerando que ficar velho, assim como a morte, acabam de forma simbólica

vinculados aos aspectos sociais e culturais, é compreensível que essas perdas decorridas com o envelhecer pareçam interligadas com o processo de luto.

Nessa perspectiva, Frumi; Celich (2012) explicam sobre a importância do idoso ter a sua trajetória de vida valorizada e respeitada. Desse modo, percebendo que os seus valores e sua história estão sendo considerados, a pessoa idosa passa a ter uma percepção de que sua existência denota significado. São atitudes de estima, respeito e amor, com o reconhecimento de um ser singular e cidadão, buscando, assim, um sentido de vida no envelhecer, que acarreta o sentimento de autoestima tão necessário aos idosos.

## 2.2 AFETIVIDADE E CUIDADO FAMILIAR COM O IDOSO

Oliveira, Pasian; Jacquemin (2001) questionam acerca de que em nossa sociedade, aparentemente, parece existir de forma unânime uma espécie de concepção de que os idosos não institucionalizados, aqueles que residem com seus familiares, ou em suas próprias residências, são assistidos pela família, permitindo com isso uma compreensão de que os mesmos obtêm condições que facilitam não só a preservação, como o contínuo cuidado com o equilíbrio afetivo. Assim, esse comprometimento ou mesmo a facilitação para que o cotidiano desses idosos repercutisse em preservação e estruturação da afetividade. Será isso verdadeiro?

Conclui-se que a fragilidade e a carência que se acentuam conforme se envelhece, são importantes representações para uma compreensão de que cuidar do idoso denota conhecimento e ainda mais importante, é a compreensão em valorizar os aspectos de que cuidar com afeto, gera uma condição natural ao estabelecimento de vínculos e laços que serão mais duradouros e sustentáveis, para que se tenha uma relação baseada na paciência, em consequência no amor.

Bock, Furtado; Teixeira (2009, p. 164) indicam sobre a origem dos afetos “[..] em acontecimentos fora do indivíduo, isto é, a partir de um estímulo externo – do meio físico ou social – ao qual se atribui um significado com tonalidade afetiva – [...]”, citando ainda como exemplo fatos que sejam agradáveis ou desagradáveis. Essa origem dos afetos nasce ou surge também do interior, desse modo, sendo individual. Como também, que o universo dos afetos se comunica de acordo com as representações das coisas e palavras que se formam juntamente aos afetos um extenso e rico “complexo psíquico inteligível”, construção subjetiva de cada indivíduo.

Nessa perspectiva, Rodrigues *et al.* (2015) partem do pressuposto de que a sensação de um toque afetivo proporciona um aumento na autoestima, e na autoconfiança do idoso, fazendo com que possa sentir-se bem melhor, facilitando o convívio com as outras pessoas, a falta dessa

afetividade, poderá torná-lo até mesmo agressivo ou depressivo. Em relação ao contexto profissional, a afetividade torna-se parte importante na mediação com os idosos.

Recorrendo assim aos autores supracitados, importa salientar que os afetos possuem outra característica – que é de estarem ligados à consciência, permitindo-nos falar ao outro sobre o que sentimos, assim expressando, pela linguagem, os nossos sentimentos e emoções. Preparando-nos para as nossas ações, de forma participativa e ativa, com a percepção que temos diante das vivências e o planejamento sobre as nossas reações de acordo com o meio - função essa adaptativa.

Poder sentir afetividade, como também recebê-la, passa a ser uma fonte de satisfação e de realização pessoal para a pessoa idosa, proporcionando plenitude no seu viver. (RODRIGUES *et al.*, 2015). Aspecto que colaboram com a saúde mental, amenizando, de certo modo, as perdas decorrentes do envelhecimento.

Desse modo, Bock, Furtado; Teixeira (2009) discorrem sobre as emoções como expressões de afeto que são acompanhadas de fortes e rápidas reações do organismo, respondendo a algum acontecimento que surge de forma inesperada, ou mesmo, há muito tempo aguardado, ou até fantasiado, como por exemplo: as reações e batimentos cardíacos alterados, sudorese, tremor e outros. Todavia, passamos a associar essas reações vindas do organismo, às nossas emoções, assim podendo mesmo distingui-las, citando, por exemplo, o choro de tristeza, do choro de alegria; ou o riso alegre, do riso de nervosismo.

Ainda acerca dessa percepção, os autores afirmam a importância e compreensão de que a vida afetiva, ou seja, emoções e sentimentos são o que constituem e compõem o indivíduo, são parte fundamental da vida psíquica. Uma espécie de alimento para que esses conjuntos de processos psicológicos e individuais – o psiquismo - presente nas mais diversas manifestações que ocorrem na nossa vida. São essenciais, pois, de certo modo, dão cores e sabores para a vida, orientando e servindo para ajudar diante das decisões, tornam-se elementos vitais, sem os quais não podemos ter uma compreensão sobre nós mesmos (BOCK, FURTADO; TEIXEIRA, 2009).

Percebe-se que os afetos determinam uma maior ou menor suscetibilidade pelas alterações que acontecem dentro de cada idoso e do seu exterior. Por outro lado, os afetos tendo um caráter subjetivo, na maioria das vezes, sabemos da existência de um afeto apenas se a pessoa vier contar, por ser ela quem está experimentando. Assim, não é percebida a importância do estudo dos afetos para a compreensão da subjetividade do outro, consonante com a vida afetiva que individualmente todos possuem, (AMARAL, 2007). Embora sendo diferentes, e

vivendo os mesmos fatos ou acontecimentos, cada um sentirá de uma forma ou maneira, às vezes, contrária a do outro.

Para tanto, diante da ampliação da compreensão acerca do que a afetividade destacada por Bock; Furtado; Teixeira (2009) de que os afetos contribuem para dar qualidade especial quando se apresenta sob a forma de sentimentos e emoções dando certo colorido, tempero aos nossos processos e funções cognitivas, volitivas e afetivas, lembrando ainda que corpo e mente são indivisíveis, corrobora Amaral (2007).

Tratando-se de afetividade, sua importância e compreensão para o cuidado familiar com o idoso, em qualquer contexto que seja, uma atitude espontânea ou não, desde que desenvolva no mesmo, um momento de transformação e equilíbrio frente às potencialidades que tal gesto acarreta para serem percebidas positivamente. Assim, a partir das considerações trazidas por autores supracitados, percebe-se que a velhice e o idoso são uma questão que se impõe como processo natural. Desse modo estende-se para uma breve visão acerca da importância da afetividade, enquanto estudo, que confronta o sentido do cuidado familiar com relação ao idoso.

### **2.2.1 Visões teóricas acerca da afetividade**

Simoneto; Ruiz; Murgo (2012) discorrem sobre a afetividade como fator que tem o poder de influenciar a vida da pessoa, seja no âmbito familiar, nos aspectos sociais e ainda em qualquer ambiente de aprendizagem. Assim, também, Gratiot-Alfandéry (2010) discorrendo sobre a afetividade na qual a teoria walloniana, concebe como sendo vital para que se constitua e haja o funcionamento da inteligência, aliado a isso os interesses e as necessidades que cada um possui de individual. Destaca a afetividade como sendo central no que se refere à construção tanto do conhecimento quanto da pessoa. Concernente, ainda, acerca da indissociabilidade entre afetividade, ação motora e inteligência. A autora, procura de forma detalhada e minuciosa, uma explicação sobre as origens orgânicas relacionadas com a emotividade, não para justificar o lado biológico, porém, como uma forma de que se destaque e haja uma compreensão sobre a natureza humana.

Gratiot-Alfandéry (2010, p.37) assegura que “[...] o ser humano é organicamente social. Isso porque está nessa força da emotividade humana e em seu caráter contagioso [...]”. Para ela, o ato de motricidade assegura ao ser humano, ainda nas fases iniciais do desenvolvimento, a função de se expressar por meio de gestos, formas e expressões corporais. Ao realizar essas atividades expressivas, acontecendo assim por meio da atividade motora, a modulação e também a regulação, bem como a produção dos estados emocionais, se inter-relacionam.

Conforme Séhn e Carrér (2014, p. 17) enfatizando acerca da preocupação em atender grupos de idosos em suas necessidades afetivas, orientando a possibilidade de se trabalhar com “A Sociopsicomotricidade Romain - Thier é descrita como uma metodologia terapêutica que se fundamenta na articulação teórica das contribuições da Psicanálise, da Psicomotricidade e da Psicoterapia de Grupo”. O modo de operacionalização consiste por meio de vivências das mais variadas, as quais incluem atividades que proporcionem para os idosos uma compreensão acerca do processo de envelhecimento, com potencialidades, ressignificações, redescobertas do otimismo, alegria, bom humor e ainda o estímulo essencial para as mudanças afetivas. Com estruturas dinâmicas em que se trabalham três momentos de atividades com Trabalho Corporal, Psicomotricidade Diferenciada e Verbalização.

Quanto à origem e a natureza dos afetos, o filósofo Spinoza (2009) na terceira parte da sua obra *Ética*, adianta quanto ao fato dos que escreveram acerca dos afetos, bem como o modo de viver e as ações dos homens, que em sua maioria parecem querer dizer ou se tratar de algo que está fora deles, e não das coisas naturais, próprias da natureza. Acreditando ainda que o homem tem potência de agir segundo a sua mente, com ideias adequadas, todavia, por vezes, padece com ideias inadequadas.

Ainda segundo o filósofo, a mente pode ser afetada simultaneamente por dois afetos, causando alegria ou tristeza, resultando que a potência da mente, como do corpo poderão ser aumentadas ou diminuídas. Para ele, ao imaginar que o que é amado possa ser afetado de alegria ou de tristeza, um ou outros dos respectivos afetos poderá ser maior ou menor em quem é amado ou no que é amado. Assim, imaginar que algo que nos afeta de alegria ou de tristeza, igualmente ou contrariamente, seremos afetados por um ou outro dos afetos, que se escolhe que a nossa mente tenha potência para ser afetada, e ,quanto maior for esse afeto, que se possa imaginar estar afetando o ser amado, tanto mais estar-se- à sendo afetado.

Por isso, a afetividade está relacionada a uma compreensão ampliada com os fenômenos psíquicos, ou mesmo um conjunto deles, manifestando-se com o que designamos de emoções. Sendo assim, nessa perspectiva, afeto, vinculado à essência básica da afetividade, compreendendo aquilo que afeta, não apenas como emoções positivas. Afeto, do latim *affectus*, diz respeito ainda, ao medo, raiva ou tristeza (REZENDE, 2008).

Prochet *et al* (2012) também ressaltam acerca da forma de interação e comunicação, no relacionamento com o idoso, por conter certas peculiaridades próprias desse processo, ainda mais por necessidade que o mesmo tem de segurança afetiva, partindo desse pressuposto, faz com que seja necessário enfrentar essa realidade com habilidade. Dessa forma, a afetividade compreendida como combustível no enfrentamento dos desafios, a relação afetiva com o idoso,

poderá ser construtiva não no sentido de diferencial como pessoa e sim por acreditarmos na importância e por nos importarmos, principalmente, com o outro, com o mundo - acrescenta (REZENDE, 2008).

Percebe-se então, que a afetividade citada por Simoneto; Ruiz; Murgó (2012) Gratiot-Alfandéry (2010); Séhn e Carrér (2014); Spinoza (2009); (REZENDE, 2008); Prochet *et al* (2012) são movimentos que procuram dialogar quanto à forma e possibilidades de caminhos teóricos e até mesmo metodológicos para uma discussão mais detalhada acerca da temática dos afetos, que podem favorecer vivências singulares. É neste contexto que abordaremos os desafios que a família, enquanto cuidadora do idoso, norteando-se pela afetividade como fator emocional que envolve a natureza dos vínculos e a qualidade desse cuidado dispensado ao idoso por meio dessa relação de afeto.

### 2.3 DESAFIOS DA FAMÍLIA CUIDADORA DO IDOSO

É certo que a fase da velhice é caracterizada nas sociedades humanas por muitas e diferentes variáveis. A experiência e o acúmulo de conhecimento podem ser um trunfo ou ainda, a velhice como motivo para expulsão ou esquecimento, sendo por vezes um tanto abrupta para esse momento de vida ao qual experencia a pessoa que é vista de certa idade, em muitas e variadas civilizações humanas, e diferentes épocas por todo o mundo, de acordo Beauvoir (1990). Entretanto, qual seja o contexto, a passagem do tempo se manifesta por meio do declínio biológico. A autora cita o desinteresse em destacar o idoso, mesmo que nas literaturas de algumas sociedades, como durante o Baixo-Império e a alta Idade Média, na qual o idoso foi de certa forma excluído, restando-lhe um papel apagado e deixando para os jovens o comando da vida pública da época. A dureza dessas civilizações termina por afastar a velhice de uma vida mais ativa, em que o declínio físico sobremaneira obrigava, o homem idoso, de certa idade, a uma forçada aposentadoria.

Continuamente, Beauvoir (1990) afirma que a situação do idoso permanece de forma extrema, em praticamente todos os setores da sociedade, em desfavor. Assim, quase sempre o idoso é perpassado por sentimentos de desvalorização, arrancado de seu ambiente profissional, passa a temer o isolamento e conforme o avançar da idade, a própria situação de dependência e abandono trazem pouco consolo ao mesmo. É, portanto, diante de tal realidade em que a passagem do tempo e o papel social do homem que adentra a velhice, no percurso histórico da civilização, é que a contribuição do idoso, por esse motivo deve ser de resgate, com o cuidado familiar.

Corroborando com a obra filosófica platônica, que aos seus 80 anos, insiste o célebre filósofo, nas obrigações dos filhos para com os seus pais, devendo falar de forma respeitosa e se disponibilizar pessoalmente e financeiramente a serviço dos mesmos, e que dessa maneira o futuro ancestral torna-se sagrado, cultuando, assim, os antepassados (BEAUVOIR, 1990).

Os autores, Bertolin e Viecili (2014, p. 340) enfatizam sobre “A Responsabilidade Civil pelo abandono afetivo do idoso não está expressamente disposta no Estatuto do Idoso, razão pela qual se julga tal situação com base nos artigos 229 e 230 da Constituição [...]”. Porém, devido a muitas denúncias de abandono e maus tratos com o idoso, foi criado um projeto de lei, com a pretensão de acrescentar ao Estatuto do Idoso, um dispositivo que visa a regulamentação para que a lei seja mais completa, abrangendo e assegurando os direitos do idoso, sua segurança e cuidado emocional.

Outrossim, obedecendo a atribuição a esse papel de cuidador, existem alguns critérios que variam de acordo com as normas sociais, o grau de parentesco, gênero e a idade, como também a uma dinâmica por meio das relações familiares. Souza *et al.* (2015, p. 1177) afirmam “Quando a família não tem condições psicológicas, sociais nem mesmo recursos financeiros ou humanos para cuidar de seu familiar idoso, este fica exposto às situações de morbidade”. Assim, a partir desse contexto, a insuficiência familiar encontra lugar propício para se instalar, o que pode prejudicar as condições de vida da pessoa idosa e podendo até mesmo terminar por uma situação de institucionalização e com isso uma possível separação do convívio com familiares.

Neri *et al.* (2012) apontam ser cada vez mais frequente no cotidiano das famílias, o ato de cuidar de alguém acometido por alguma incapacitação, principalmente na fase da velhice. Dessa forma, mesmo no hospital é necessário que a família se reveze nesses cuidados, com o máximo de eficácia, com a prevenção, a detecção e o controle da situação que possa eventualmente vir a ocorrer, como quedas, fraturas, dentre outras, demandando com isso um ambiente adaptado e com estrutura para dar suporte ao cuidado com o idoso em recuperação.

Para tanto, a fase da recuperação acontecerá no domicílio do idoso, ou da sua família. Ainda que seja de forma intuitiva, e baseada em crenças próprias, “[...] possíveis experiências anteriores, bem como pela troca de informações com outras pessoas, amigos, vizinhos, grupos ligados à igreja, grupos de voluntários, enfim, a rede de suporte social”. (PERLINI e FARO, 2005, p. 155). Assim, é importante que os laços de amizade e familiares estejam interligados para que os cuidados necessários ao idoso sejam mais efetivos.

O cuidador, de acordo com o vínculo, pode vir a receber diferentes denominações, havendo ainda os cuidadores formais, que passam a compreender aqueles profissionais ou instituições, que realizam o atendimento como uma prestação de serviços. Assim, seja por

instituições ou profissionais que realizam o cuidado, a família acaba por ser, na maioria das vezes, quem está à frente dessa tarefa. Nesse contexto, surge a figura do cuidador, o indivíduo que presta cuidados para suprir a incapacidade temporária do idoso. A função do cuidador, necessita tanto de amparo técnico, quanto de paciência e amor, exigindo do cuidador, seja familiar ou ainda formal, um suporte psicológico, que demanda constante atenção, devido aos desgastes ocorridos no desempenho das tarefas, relatam Neri *et al.* (2012).

Luzardo; Gorini e Silva (2006, p.12) ressaltam que “No contexto familiar, a pessoa que assume o papel de cuidador está sujeita a produção de demandas de cuidados que afetam sua dimensão física, mental e social”. Para isso, tamanha a complexidade pela demanda referente aos problemas sociais que estão relacionados ao impacto advindo pelo crescimento da expectativa de vida das pessoas, passou a refletir diretamente na forma como manter a saúde dos idosos e em como preservar a sua permanência junto à família.

Esse cenário, formado subjetivamente, de acordo com as dificuldades do cotidiano de uma realidade nova, mostra que foi sendo exigida a necessidade de tomar decisões e ainda incorporar atividades que passaram a ser de responsabilidade desse indivíduo cuidador.

Conforme o grau de complexidade de certas doenças crônicas, muitas vezes acompanhadas de algum tipo de limitações seja físicas, cognitivas e sociais, que acabam por repercutir negativamente também no cuidador, que merece uma atenção de forma especial pelos serviços de saúde. “A percepção do cuidador sobre o quanto as tarefas estão afetando sua vida e sua rotina tem consequências diretas sobre o cuidado, pois as avaliações subjetivas são importantes determinantes da qualidade de vida do cuidado [...]” (NERI, *et al.*, 2012, p. 42).

Nesse sentido, discorrem Borges e Telles (2010, p. 350) “No grupo de idosos frágeis, a possibilidade de desenvolver dependência e incapacidade está aumentada, tornando-se a dependência uma consequência da fragilidade.” Desse modo, a origem de certas situações de desgaste e conflito, para o cuidador e, também, para o paciente idoso, certamente acontece em sua maioria pela falta de orientação do mesmo, apresentando intensa carga de estresse, muitas vezes acontecendo agressões ao idoso ou por parte do idoso, momento em que gera um desequilíbrio, trazendo ainda uma notória confusão de sentimentos, nesse contexto de cuidado.

Situação essa, em que o idoso se torna possível vítima, e o cuidador ora se culpa por querer dar um fim a tal situação, ora sente carinho e satisfação por cuidar. “Somado a isso, há também de considerar-se que muitos cuidadores são pessoas idosas e até doentes”. (PERLINI e FARO, 2005, p. 164). Fato que é preocupante devido ao crescimento acelerado do envelhecimento, sendo assim havendo a necessidade de uma melhor saúde mental voltada tanto para o idoso, quanto para o cuidador.

De acordo com Neri *et al.*, (2012, p. 40) demonstra-se que a situação de cuidado demanda efeitos que refletem na vida pessoal do cuidador e termina por fazer com que o cuidado familiar se inviabilize . “A avaliação subjetiva ou cognitiva do cuidador sobre o contexto em que está inserido é elemento central para o seu bem-estar físico e psicológico”. Com evidências acerca do desgaste físico e mental que tomam de sobrecarga os estados emocionais negativos, que estão relacionados a maneiras de lidar de forma inadequada com o enfrentamento das situações estressoras.

Nessa perspectiva, Santos *et al.*, (2011, p. 166) alertam sobre a sobrecarga como fator de importância que pode influenciar no manejo e cuidado com o idoso, como isso pode afetar a qualidade de vida do indivíduo cuidador. “Os grupos psicoeducacionais, psicossociais e psicoterapêuticos são abordagens não farmacológicas capazes de diminuir a sobrecarga e aumentar a capacidade de resiliência do cuidador, [...]”. Sendo assim, o cuidador pode trabalhar seus sentimentos relacionados ao diagnóstico da situação da doença do idoso, as informações que são feitas sob forma de troca de experiências com o grupo, o ajudam a lidar melhor com o idoso.

Portanto, preocupado com a situação de cuidar, Boff, (1999, p. 41) enfatiza que o cuidado não é um objeto que está longe de nós, temos que pensar e falar do cuidado como algo vivenciado em nossa estrutura. O cuidado como uma dimensão ontológica, presente na constituição humana. “Importa fazer a fenomenologia do cuidado. Por fenomenologia entendemos a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno para a nossa consciência [...]”. A característica singular do homem é o cuidado, assim sendo um modo de ser que revela a concretude humana de sua natureza e constituição, ao qual somos todos, de certa forma, dotados.

### 3 METODOLOGIA

Neste trabalho propôs-se uma pesquisa básica, de natureza qualitativa e quantitativa, de objetivo metodológico exploratório. Desse modo, como uma pesquisa documental, conforme Gil (2008), com proximidade à pesquisa bibliográfica, porém a mesma difere na natureza das fontes, utilizando-se tal pesquisa, de contribuições e autores variados referentes a um tema.

A pesquisa documental utiliza como recurso os materiais que não receberam tratamento analítico, são ainda fontes primárias, residindo a partir disso, o aspecto que diferencia a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, confirmam Sá-Silva, Almeida; Guindani (2009). Portanto, os autores chamam a atenção acerca do fato de que na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador objetiva elaborar uma análise atenta e cuidadosa, em razão de que tais documentos não tiveram ainda os critérios, análise e rigor científico, ou que podem ser reelaborados.

De acordo com Gil (2007), a pesquisa exploratória possui como finalidade proporcionar uma maior familiaridade com a problemática em questão, de forma que essa seja explicitada. Esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico, de acordo com o problema que vai ser pesquisado, e, por último, a análise de exemplos para estimular a compreensão acerca da temática envolvida.

A pesquisa foi iniciada em fevereiro de 2019 e concluída em abril do mesmo ano. Foi realizada a partir dos resultados encontrados nos periódicos da internet BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), Scielo (Scientific Electronic Library Online), tendo como buscador principal as palavras-chave “Afetividade”, “Cuidado Familiar” e “Idoso” no idioma português. Como critério de inclusão foi estabelecido que apenas publicações incluídas nas bases de dados pesquisados, entre os anos de 2014 a 2018; apresentar-se em português e ter correlação com as palavras-chave. Como critério de exclusão, encontrar-se em outro idioma, mesmo tendo colocado a palavra chave e após a leitura do título, resumo, introdução, nesta ordem não ter nenhuma especificidade com o tema da pesquisa.

Toda a busca geral desses artigos resultou em um filtro, esse filtro foi primeiramente executado pela leitura dos títulos que se encaixavam com os critérios de inclusão, posteriormente, foi feita a leitura dos resumos e assim a escolha dos artigos a serem analisados na ficha síntese. Os dados encontrados nas fichas síntese foram estruturados e colocados em uma discussão permeada pelos autores dos trabalhos selecionados para esta pesquisa, e à medida que foi feita a leitura dos artigos, outro ponto foi a especificidade, fidedignidade após a leitura do resumo de cada artigo encontrado, dentro dos critérios propostos desde o início da

busca. Algumas leituras feitas nestes artigos identificavam-se as palavras-chave, porém não tratava-se do tema do envelhecimento, convergiam-se para outras áreas, em destaque a enfermagem e a educação, o que determinava a exclusão.

A montagem das fichas síntese fez-se com a leitura do resumo, principalmente, com dados da metodologia, e, ainda, os resultados de cada um destes artigos selecionados. Colocando-se de início nas fichas síntese o nome do trabalho e dos autores, o ano da publicação, as palavras-chave e a plataforma que disponibilizou o artigo, bem como a área do estudo científico destes artigos disponibilizados. Considerando ainda, para uma compreensão das linhas de pesquisa seguidas pelos autores, verificando também a discussão e os resultados obtidos, por meio disso fez-se a síntese, levando em conta as propostas destes autores dos artigos, bem como os desafios que se observou ao final de cada estudo, principalmente no que diz respeito ao contexto da saúde física e mental durante o envelhecimento, tanto do idoso quanto de seus cuidadores.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada utilizando-se as palavras-chave “Afetividade”, “Cuidado familiar” e “Idoso”, em língua portuguesa, e realizadas no Brasil. Nas bases de dados, os resultados alcançados a partir da filtragem, conforme critérios de inclusão e exclusão, não obtiveram número significativo. A tabela a seguir apresenta a quantidade de material encontrado nas buscas.

**Tabela 1: Resultados das buscas nas bases de dados gerais**

<b>Palavras-Chave</b>	<b>BVS-PSI</b>	<b>SciELO</b>	<b>Pepsic</b>
<b>Afetividade, Cuidado Familiar e Idoso</b>	1	0	0
<b>Afetividade e Cuidado Familiar</b>	7	0	0
<b>Cuidado Familiar e Idoso</b>	119	2	0
<b>Afetividade e Idoso</b>	10	6	2
<b>Total parcial</b>	137	8	2
<b>Total Geral</b>	147		

Fonte: Própria autora, 2019

A Plataforma Virtual em Saúde-BVS-PSI foi a que mais disponibilizou publicações em relação as demais, nesta pesquisa. No que se refere às palavras-chave “afetividade, cuidado familiar e idoso”, o resultado foi de 1 trabalho publicado. Com a palavra-chave “afetividade e cuidado familiar”, o resultado foi de 7 trabalhos publicados. Quanto às palavras-chave “cuidado familiar e idoso”, foram encontrados 119 artigos abordando a temática. Com relação às palavras-chave “afetividade e idoso”, foram encontrados 10 artigos, totalizando nesta plataforma, 137 artigos.

Na plataforma SciELO por meio das palavras-chave “afetividade, cuidado familiar e idoso”, o resultado foi 0. Utilizando as palavras-chave “afetividade e cuidado familiar”, o resultado obtido também foi 0. Quanto às palavras-chave “cuidado familiar e idoso”, o resultado obtido foi de 2 artigos publicados. Com as palavras-chave “afetividade e idoso”, foram obtidos 6 artigos publicados, o que totaliza nesta plataforma 8 artigos.

A plataforma Pepsic foi a que menos disponibilizou artigos em relação às outras, nesta pesquisa. Com relação às palavras-chave “afetividade, cuidado familiar e idoso, o resultado foi 0. Por meio das palavras-chave “afetividade e cuidado familiar”, o resultado também permaneceu 0. Com as palavras-chave “cuidado familiar e idoso”, o resultado obtido foi 0. Em relação às palavras-chave “afetividade e idoso”, foram encontrados apenas 2 artigos publicados, totalizando, nesta plataforma, 2 artigos.

Na íntegra a coleta obteve 147 artigos publicados nas três bases de dados, contudo, cada um necessitou de uma análise, a fim de verificar se o conteúdo dos artigos encontrados estava dentro da proposta desta pesquisa. A tabela 2 apresenta o resultado final no que diz respeito à coleta de dados, de forma individual e coletiva e a soma total dos trabalhos selecionados, afim de obterem investigação pormenorizada de acordo com os critérios de inclusão e exclusão definidos para a realização desta pesquisa.

**Tabela 2: artigos selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão**

<b>Palavras-Chave</b>	<b>BVS-PSI</b>	<b>SciELO</b>	<b>Pepsic</b>
<b>Afetividade, Cuidado Familiar e Idoso</b>	0	0	0
<b>Afetividade e Cuidado Familiar</b>	0	0	0
<b>Cuidado Familiar e Idoso</b>	4	1	0
<b>Afetividade e Idoso</b>	0	0	1
<b>Total parcial</b>	4	1	1
<b>Total Geral</b>	6		

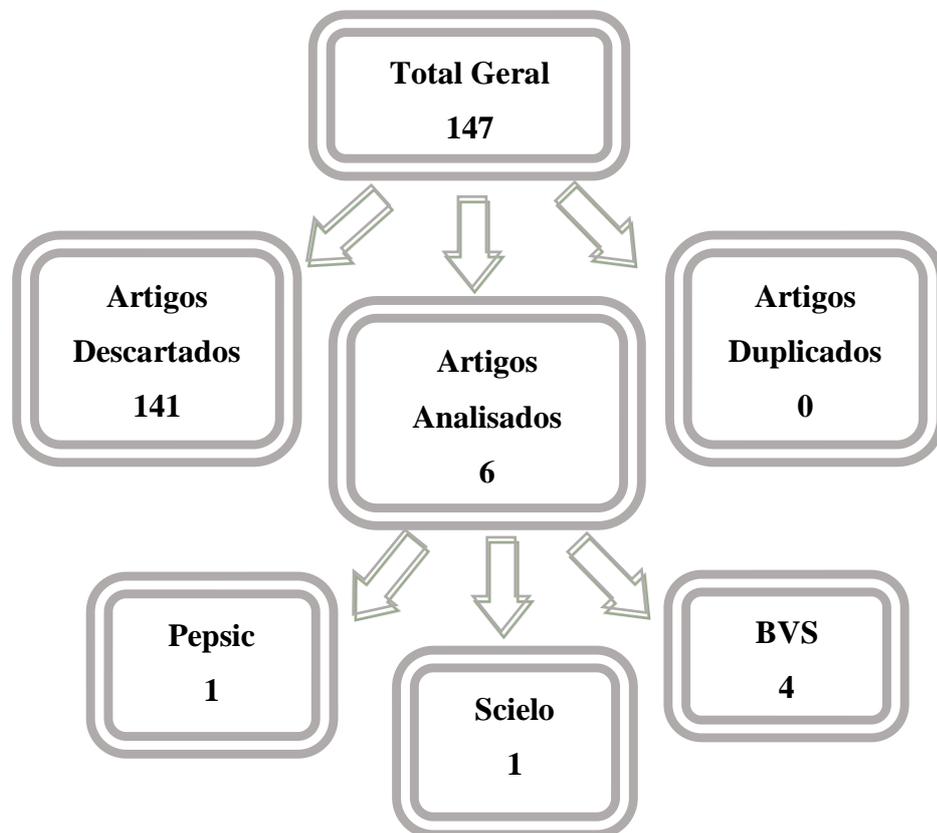
Fonte: Própria autora, 2019

Excluiu-se 141 artigos cujo material, após filtragem do título, resumo e introdução, nesta ordem não atendeu ao que foi proposto nesta pesquisa; não apresentaram temática que estivesse relacionada com os cuidados familiares, bem como os afetos e sentimentos, principalmente, quanto aos aspectos da velhice e conseqüentemente do idoso. O motivo para a exclusão aconteceu ao ser feita a filtragem dos resultados obtidos na busca, em cada plataforma citada, conforme os critérios de inclusão e exclusão, dos artigos que não atenderam a seleção pré-estabelecida para esta pesquisa, na qual deverá encontrar-se entre o período de 2014 a 2018,

apresentar-se no idioma Português do Brasil, e possuir especificidade com o tema, não entraram para a análise da ficha síntese.

De acordo com a tabela acima apresentada, os trabalhos selecionados totalizaram apenas 6 artigos publicados. Na plataforma BVS-PSI foram excluídos 133 trabalhos, dentre os quais apenas 4 abordam a temática, de forma específica. Na plataforma Scielo foram excluídos 7 artigos os quais apenas 1 aborda os temas propostos nesta pesquisa. E quanto a plataforma Pepsic com apenas 2 artigos selecionados, somente 1 correspondeu aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.

**Figura 1: Organograma dos artigos selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão**



Fonte: Própria autora, 2019

Respectivamente, foi realizada nesta pesquisa a elaboração da ficha síntese que apresenta as ideias que centralizaram cada trabalho, como também o ano de publicação, seus autores e o periódico do local onde o citado artigo foi publicado. A ficha síntese informa o que cada artigo apresenta sobre a percepção da velhice, acerca dos afetos e sentimentos envolvidos

no cuidado familiar com o idoso e o quanto podem ser importantes nessa fase da vida, como também se os autores relacionam esta temática com outras áreas de estudo e de pesquisa.

Segundo os dados apresentados nas fichas síntese percebe-se a prevalência da área da enfermagem que aborda a temática da saúde na velhice, bem como outros fatores que podem vir a acarretar, de forma geral, ou mesmo, beneficiar as vivências do idoso. O autocuidado e a relação de reciprocidade presentes na relação dos cuidadores familiares com o idoso hospitalizado e a convivência por meio de uma rotina, apresenta-se quase sempre desgastante e de sobrecarga, sendo um dos maiores desafios enfrentados pelos cuidadores designados para o cuidado com o idoso, seja em sua residência ou no hospital (SEIMA; LENARDT; CALDAS, 2014).

Os autores supracitados propõem que as pesquisas em enfermagem gerontológica envolvendo a investigação científica, em associação com a filosofia existencial, podem vir a favorecer, especialmente, no que tange à identificação dos aspectos e os processos que envolvem o cuidar e o cuidador familiar, enfatizando o planejamento das intervenções que visam beneficiar a relação do cuidado para ambos, o idoso que recebe cuidado e o familiar que cuida.

Nota-se, também, que a função de cuidar do idoso em família, requer conhecimento especializado, principalmente ao tratar-se de doenças degenerativas ou outras que necessitam de constantes internações hospitalares, causando desgastes físicos e mentais para os cuidadores familiares e, principalmente, para o idoso, muitas vezes fragilizado nesse processo de adoecimento e dependência.

Reis, Menezes e Sena (2017) propõem assim como os autores Seima; Lenardt e Caldas (2014) acima supracitados, um espaço de cuidado a partir das percepções da análise fenomenológica, abordagem que se preocupa acerca da compreensão dos fenômenos que se desvelam e se estabelecem por meio de uma relação dialógica e a intersubjetividade presentes nas vivências por meio da qual o indivíduo tem a possibilidade de desenvolver a presença, amor, fidelidade e esperança na opção do ser ou ter.

Ainda, conforme os autores Reis, Menezes e Sena (2017), através das pesquisas destes artigos, confirmou-se que os familiares que são acompanhantes e cuidadores de idosos hospitalizados, ou em sua residência, responsáveis pela demanda do cuidado, em sua maioria, tinham parentesco com o idoso, eram filhas, identidade de gênero feminino com idade entre 33 e 57 anos, moradores na mesma residência, fatores estes que são abordados também no trabalho dos autores Nunes *et al* (2018) que avaliaram 362 cuidadores de idosos, analisando esses fatores associados à questão da tensão excessiva advindas da função do cuidado.

Percebe-se também, que os temas associados ao cuidado familiar, idoso e afetividade são abordados pela área da enfermagem em quase todos os trabalhos, demonstrando preocupação quanto à questão do cuidado ser exercido por pessoas que não possuam qualificação adequada, o que faz com que os pesquisadores proponham medidas para que as políticas públicas contemplem com um suporte financeiro aos cuidadores, principalmente, aos cuidadores familiares que não são remunerados e terminam acumulando tensão e estresse por excesso e sobrecarga de trabalho frente ao cuidado com o idoso.

Todavia, os resultados indicaram outra preocupação dos cuidadores familiares quanto à importância do ambiente adaptado e às tecnologias necessárias para o conforto e qualidade do trabalho que o cuidador exerce, aliado ao alto custo para manutenção do cuidado familiar com o idoso, conforme a dependência funcional e cognitiva aumenta, com isso o ônus financeiro e físico tende a aumentar junto (BRITO, DUARTE e LEBRÃO, 2018).

Ressalta-se, quanto à preocupação, por meio dos artigos pesquisados, a importância acerca da autopercepção em relação à saúde dos cuidadores familiares, em sua maioria apresentaram sintomas de sobrecarga física e psíquica decorrentes da função do cuidado familiar para com o idoso. Nunes *et al* (2018) destacam, em especial, as características sociodemográficas, condições de saúde do idoso, condições relacionadas ao cuidado e sobrecarga dos cuidadores familiares; alertam ainda quanto aos achados que apontam para que os profissionais da saúde orientem os cuidadores, especialmente dos familiares de pessoa idosa, tendo em vista melhorar a qualidade dos cuidados prestados ao idoso.

Os resultados indicados nas buscas desta pesquisa possibilitaram a identificação quanto à escassez de trabalhos produzidos com relação à saúde e cuidados com o idoso, em especial às estratégias de enfrentamento, conhecimento e habilidades específicas que a demanda com o cuidado familiar exige.

Quanto à associação dos termos “afetividade” e “cuidado familiar” e “idoso”, não foi possível identificar material que apresentasse importância com a associação destas temáticas para o devido uso nesta pesquisa. O termo “afetividade” aparece em sua maioria relacionado à área educacional, com estudos voltados aos autores da psicologia que abordam a importância e a facilidade em trabalhar os aspectos afetivos dos alunos em todas as séries escolares, através do uso das teorias wallonianas, vigotskianas, dentre outras, com autores que são referências no tema voltado à cognição e a aprendizagem, área que a psicologia da educação tem diferencial e assim referência.

Outra constatação foi a área da enfermagem como recorde em pesquisas voltadas ao público idoso, em especial aos cuidados familiares. Nunes *et al* (2018) apresentaram resultados

encontrados que alertam quanto à questão da tensão excessiva e o impacto da tarefa de cuidar que pode ser atenuado pela divisão e partilha dentro da rede social de suporte como também da rede de apoio, citando como exemplo, os grupos psicoeducativos e de suporte, a fim de melhorar e diminuir o excesso e o estresse dos cuidadores familiares, conseqüentemente, a qualidade do cuidado dispensado ao idoso.

Verificou-se, ainda, que parte do material pesquisado, mesmo os da área da enfermagem e serviço social, utilizam-se de referencial filosófico, fenomenológico quanto às pesquisas com as mais variadas amostragens, conforme Reis; Menezes e Sena (2017), numa perspectiva da lógica da compreensão Merleau-Pontyana, na qual se privilegiam as vivências, as falas e o acolhimento que é dado ao cuidador familiar, acompanhante do idoso hospitalizado, percebendo por meio da dialógica, que a pessoa apresenta sinais, que tem algo a comunicar, fazendo-o assim por meio de sua presença, pelo gesto, pelas palavras, pela temperatura das mãos e até mesmo pelas suas vestes, que muito tem para dizer de si.

Com base nisso, a utilização de contextos variados para se trabalhar atitudes de acolher e dialogar com franqueza, escutar atentamente como práticas relacionais a serem exercidas e reconhecidas como noção e articuladora na assistência e cuidado familiar, como espaço de produção desse cuidado com o idoso.

Pensando nisso, Amaral (2007, p.8) atenta para a forma de “Observar a maneira como uma pessoa reage afetivamente, é fundamental para compreendê-la e saber como lidar com ela, uma vez que isso faz parte de sua subjetividade”. Algumas vezes, não entendemos atitudes e condutas se não forem levados em conta os afetos que vêm acompanhados ou desencadearam essa forma de agir. Assim, os afetos sejam como emoções ou sentimentos, possuem importante função na motivação em agir e interferir na nossa capacidade de reagir racionalmente frente às situações diárias.

Contribuindo quanto à subjetividade, Neri *et al* (2012) corroboram quanto a importância de que, através da passagem de uma fase para a outra, dentro desse papel de cuidar, viabiliza-se a possibilidade de vir à tona: a preparação, aquisição, desempenho pleno e o afastamento, fases contidas na transição do papel de cuidador familiar.

Nesse papel, as filhas possuem maior facilidade para se adequarem, mais que as esposas, sendo o impacto para estas é maior, relatando que o lazer e as relações familiares declinam e tendem a piorar, além da satisfação matrimonial que se torna menor, confirmando o que os autores citam como possibilidade, diante da incapacidade do marido, acaba por gerar solidão e falta do afeto recíproco.

Neri *et al* (2012) afirmam que quanto a aquisição do papel de cuidador pode ser, por vezes, insidioso, geralmente quando os cuidados e condições requerem maior dedicação ao idoso, como no caso de doenças progressivas ou crônicas. Acontecendo, com isso, que o cuidador diante do avanço das obrigações, sendo uma extensão habitual do seu papel na assistência, cuidado e apoio, por vezes, nem se dê conta da sobrecarga que as exigências desse cuidado passam a exigir dele.

Portanto, é necessário que se promovam discussões acerca da importância que o tema do envelhecimento seja priorizado, em um contexto amplo e relacionado aos assuntos e áreas afins como a psicologia, o meio ambiente, funcionalidade, área educacional, dentre outras que possam elaborar produções científicas e pesquisas voltadas para esse público, com o propósito de transformar em viáveis projetos que contemplem a realidade vivida e percebida pelos idosos.

Levando em conta essas informações, após a seleção nas bases de dados, e a filtragem, foram selecionados os artigos estando estes apresentados a seguir através das fichas-síntese que embasaram as discussões, possibilitando com isso os resultados que justificaram os objetivos propostos neste trabalho. As fichas contém o nome do autor, o ano da publicação, a plataforma, a área de conhecimento, as palavras chaves e ao final a síntese do artigo.

Ficha síntese artigo 01: Cuidadores de Idosos e Tensão Excessiva Associada ao Cuidado: evidências do Estudo SABE.

<b>Autor (e)</b>	NUNES, Daniella Pires; BRITO, Tábata Pereira de; DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira; LEBRÃO, Maria Lúcia.
<b>Ano de publicação</b>	2018
<b>Plataforma</b>	BVS
<b>Palavras-chave</b>	Idoso. Família. Cuidadores
<b>Área de conhecimento</b>	Epidemiologia/Saúde
<b>Síntese do artigo</b>	<p>O artigo em questão visa descrever o perfil sociodemográfico e assistencial dos cuidadores de idosos, analisando os fatores associados à tensão excessiva associada à função do cuidado. Foram selecionados 362 cuidadores familiares ,ou não, residentes em São Paulo-SP, considerando o sexo, idade, escolaridade, grau de parentesco, situação conjugal, reside, ou não, com a pessoa cuidadora e a frequência do cuidado.</p> <p>Portanto, dos 362 cuidadores avaliados, 91,5% eram familiares e os outros 8,5% não familiares, a maioria era mulher (92,2%) e não familiar, média de idade de 50,7 anos, casada (44,4%). Para os cuidadores familiares 53,6% eram filhos(as), e dos 28,9% cônjuges, 4,0% irmãos(as), outros 3,7% netos e 3,4% genros ou noras e ainda 6,4% outros familiares. Referindo-se ao tempo dedicado ao cuidado, 34,4% relataram cuidado integral, ao passo que 41,9% sempre que necessário. Parte deles, (19,7%) afirmaram assumir definitivamente a função do cuidado, sendo mulheres a maioria.</p>

## Ficha síntese artigo 02: Relação no cuidado entre o cuidador familiar e o idoso com Alzheimer.

Autor (e)	SEIMA, Márcia Daniele; LENARDT, Maria Helena; CALDAS, Célia P.
Ano de publicação	2014
Plataforma	BVS
Palavras-chave	Idoso; Cuidadores; Doença de Alzheimer
Área de conhecimento	Enfermagem
Síntese do artigo	<p>Estudo quantitativo, de corte transversal, e qualitativo-descritivo com o objetivo de demonstrar a complexa relação no cuidado entre cuidadores familiares e idosos com DA (Doença de Alzheimer). Abordagem técnica de Briceno-Leon-investigação quanti-qualitativa e realizada no Centro de Referência em Atendimento DA, de Curitiba-PR. Numa perspectiva filosófica de Gabriel Honoré Marcel, preceito este na concepção de espaço reciprocidade, na qual o indivíduo vivencia o mistério e opção dada pela ordem do ser ou do ter, lugar onde se desenvolve a presença, amor, fidelidade e esperança.</p> <p>Amostra composta com 208 cuidadores familiares, entre os quais foi constatado que 150 (72,2%) apresentavam sobrecarga moderada a severa; observando ainda que 49 (21,6%) cuidadores alegam hipertensão arterial e 24 (10,6%) com sintomas depressivos, confirmando a prevalência de doenças cardiovasculares e mentais. Um cuidado que só é possível na relação existente entre pessoas e implica na presença do outro.</p> <p>Nos dados quantitativos, a maioria dos cuidadores (n=53,25%) relataram receber acima de 6 salários mínimos, considerado insuficiente frente a demanda de cuidado exigido com idoso com DA. Na pesquisa com 30 mulheres cuidadoras familiares de idosos com DA, identificou-se que a falta de recursos financeiros foi o principal estressor, seguido da falta de adequação ao ambiente do idoso.</p>

Ficha síntese artigo 03: Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas hospitalizadas e a experiência de intercorporeidade.

<b>Autor (e)</b>	REIS, Camila Calhau Andrade; MENEZES, Tânia Maria de Olivia; SENA, Edite Lago da Silva
<b>Ano de publicação</b>	2016
	BVS
<b>Palavras-chave</b>	Idoso; Hospitalização; Cuidadores; Relações Familiares.
<b>Área de conhecimento</b>	Enfermagem
	<p>O presente artigo trata-se de um estudo qualitativo fundamentado nos pressupostos teóricos da Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, com objetivo de estabelecer uma comunicação entre as descrições vivenciais produzidas.</p> <p>A investigação desse estudo aconteceu em um hospital público de grande porte e com serviços de alta complexidade, no interior da Bahia. A pesquisa foi realizada nos setores de neurologia e clínica médica, com grande número de idosos hospitalizados. Ao todo, 22 acompanhantes atenderam ao critério de inclusão: ser cuidador familiar de pessoa idosa por pelo menos sete dias. E, por se tratar de um estudo fenomenológico, a quantidade não é o mais importante, sim a profundidade da discussão e a análise acerca dos depoentes, a intersubjetividade que é parte inerente dos estudos fenomenológicos.</p> <p>Identificou-se por meio deste estudo, que as descrições vivenciais, discutidas na perspectiva da intercorporeidade e experiência do outro e eu mesmo, levaram a um novo olhar sobre a condição do cuidador; experiência acerca de cuidar de pessoa idosa hospitalizada proporcionou aos cuidadores respeito e dignidade, além da afetividade, do amor ao próximo e a inserção social.</p>

Ficha síntese artigo 04: Vivências de familiares no cuidado à pessoa idosa hospitalizada: do visível ao invisível.

<b>Autor (e)</b>	REIS, Camila Calhau Andrade; MENEZES, Tânia Maria de Olivia; SENA, Edite Lago da Silva
<b>Ano de publicação</b>	2017
<b>Plataforma</b>	BVS
<b>Palavras-chave</b>	Idoso; Hospitalização; Cuidadores; Relações familiares; Filosofia em Enfermagem.
<b>Área de conhecimento</b>	Enfermagem
<b>Síntese do artigo</b>	<p>A proposta deste artigo está fundamentada na fenomenologia de Merleau-Ponty, na qual não se explicam os fatos e sim procura entender o fenômeno que se apresenta.</p> <p>A pesquisa aconteceu em um hospital de grande porte localizado no município de Jequié-BA; os participantes foram 5 familiares cuidadores e acompanhantes de pessoas idosas hospitalizadas, nas alas da neurologia e clínica médica, setores cujo fluxo de assistência aos idosos é grande.</p> <p>A pesquisa fenomenológica se atenta para a coexistência, por considerar que o mundo não existe só para nós, portanto a produção das descrições vivenciais, utilizou-se de roda de conversa e diálogos com os participantes que puderam se posicionar. Todos os participantes eram do sexo feminino, filhas dos idosos hospitalizados, com idade entre 33 e 57 anos, casadas, 3 delas moradoras com a pessoa idosa, e as outras se revezavam no cuidado familiar com o idoso.</p> <p>A partir dos resultados e percepções fenomenológicas considerou-se que os familiares acompanhantes vivenciam sentimentos ambíguos, compartilhando do sofrimento idoso.</p>

Ficha síntese artigo 05: Afetividade e Conflito nas Díades Familiares, Capacidade Funcional e Expectativa de Cuidado de Idosos.

<b>Autor (e)</b>	SILVA, Laila L. N. B. da; RABELO, Dóris F.
<b>Ano de publicação</b>	2017
<b>Plataforma</b>	Pepsic
<b>Palavras-chave</b>	Idoso; Afetividade; Conflito; Família; Cuidado.
<b>Área de conhecimento</b>	Psicologia
<b>Síntese do artigo</b>	<p>Este artigo é um estudo originado na pesquisa “Desenvolvimento familiar e o idoso: rede de suporte social, dinâmica familiar e a convivência intergeracional” desenvolvida no município de Santo Antônio de Jesus-BA., foi selecionada a UBS (Unidade Básica de Saúde) na qual estavam cadastradas 2.754 famílias, totalizando 9.234 pessoas, dentre as quais 1.344 idosos acima de 60 anos. Participaram do estudo 134 idosos, baseando-se na maior pontuação obtida no Miniexame do Estudo Mental.</p> <p>Os resultados pontuam que nas díades familiares com cônjuge, filhos e netos, os idosos trouxeram nos relatos uma prevalência de alta afetividade e baixo conflito. Enquanto a uma percepção acerca de afetividade e conflito, os idosos associaram com a expectativa de serem cuidados por cônjuges, filhos e netos, bem como constatou-se que os dois gêneros vivenciam seus relacionamentos familiares com concepções diferentes, e, ainda, acerca do papel de cuidadora da mulher termina por facilitar as relações afetivas nas díades com os filhos, por outro lado, impõem sobrecarga e afeta também percepções advindas das relações conjugais. E que o fator dependência acaba por afetar significativamente o relacionamento familiar, gerando estresse tanto para quem cuida quanto para quem é cuidado.</p>

## Ficha síntese artigo 06: Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso.

<b>Autor (e)</b>	HEDLER, Helga C.; FALEIROS, Vicente de P.; SANTOS, Marlene de J. S.; ALMEIDA, Maria A. de Araújo.
<b>Ano de publicação</b>	2016
<b>Plataforma</b>	SciELO
<b>Palavras-chave</b>	Cuidado familiar; Pessoa idosa; Núcleo central; Representação Social
<b>Área de conhecimento</b>	Serviço Social
<b>Síntese do artigo</b>	<p>O artigo citado trata as representações sociais do cuidado e do cuidador familiar da pessoa idosa. Este é um estudo de caráter descritivo e qualitativo com a utilização dos termos cuidado e cuidador e entrevista aplicada na residência de quinze idosos com dependência funcional de saúde e seus cuidadores familiares. Os participantes da pesquisa possuem vínculos com a Pastoral da Saúde, situada na Região Administrativa de Recanto das Emas-DF. Totalizando (29) pessoas idosas, que recebem cuidados familiares e (15) foram selecionadas para a pesquisa; utilizando a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) conforme as expressões: cuidado familiar de idoso e cuidador.</p> <p>Portanto, este estudo proporcionou a constatação de que a responsabilidade pelo cuidado é imposta a um dos familiares exatamente por ser do meio e convivência familiar, assim a maioria destes acaba por assumir essa tarefa do cuidado, por razões afetivas e de parentesco, como também culturais, dentre outras.</p>

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade não só faz parte da condição humana, mas, também, de sua história, das experiências e dos relacionamentos humanos. Ela está presente na forma do cuidado de muitas famílias ao se relacionarem, na comunicação ou na forma em que se tratam. O cuidado destinado ao idoso, nessa fase do desenvolvimento, requer maior habilidade e paciência para lidar com a fragilidade e as perdas que acontecem no processo de se envelhecer, cabe ao cuidador familiar ter boa saúde mental para lidar com as dificuldades impostas à essa função.

Com o envelhecimento aumentando é importante ressaltar que a tecnologia está acompanhando esse envelhecimento populacional e com planejamento de forma a criar oportunidades disponíveis como nunca foram ofertadas. A exemplo disso, a “Internet pode permitir conexão contínua para a família, apesar da distância, ou acesso a informações que podem orientar o autocuidado de uma pessoa mais velha ou prestar apoio aos cuidadores”, destaca a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015, p.10). Do mesmo modo, os vários recursos de apoio, como exemplo os aparelhos de audição, mais funcionais e um tanto acessíveis do que há algumas décadas, e os dispositivos portáteis, por sua vez, são novas oportunidades de fornecer monitoramento e cuidados de saúde apropriados e personalizados para cada necessidade específica do idoso.

Em países desenvolvidos, acontece um movimento chamado *No One Dies Alone* em tradução livre seria algo como “ninguém morre sozinho” que procura aliviar a solidão de pessoas que não têm seus amigos ou familiares próximos, ou a quem possa recorrer, para cuidar nos momentos finais da vida. Por perceber que são muitas as razões para que se esteja sozinho ao final da vida, dado esse motivo que nasceu o movimento acima intitulado, para ajudar quem morre sem ninguém ao lado.

As Doulas, uma expressão comumente associada às pessoas que fazem partos e ajudam nos nascimentos, ampliaram esse movimento, para as Doulas da morte ou do fim da vida, que são pessoas voluntárias que fazem um acompanhamento daqueles que estão morrendo, e esses podem ser doentes terminais ou idosos, afirma a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG, 2019).

Outras intervenções valiosas, fundamentadas como importantes conceitos e ferramentas para o manejo e trabalho tendo em vista a velhice bem-sucedida, são a Teoria da Atividade e a perspectiva *life span*, a primeira tem sido a base e desenvolvimento dos diversos programas e atividades educacionais voltadas para idosos, Diogo *et al* (2013) citam como exemplos que se enquadram, as Universidades para a Terceira Idade, os programas de educação física e os

Centros de Convivência de Idosos; já a concepção dialética de *life span* propõe o desenvolvimento e o envelhecimento, tanto um quanto o outro como processos adaptativos com ganhos e perdas, uma interação entre diversos fatores, nos quais as oportunidades educacionais e sociais, bem como a saúde física e mental, aliados ao estilo de vida, têm sua importância na determinação do ritmo do envelhecimento.

Todavia, é importante que se utilize contextos diversificados para trabalhar com promoção e prevenção em saúde mental na velhice, numa percepção e compreensão do sujeito biopsicossocial, compreendendo-o de acordo com o declínio biológico comum a todos, e a “[...] dimensão espiritual enquanto caráter universal demonstra que jamais existiu um ser humano, em qualquer cultura ou região global, que seja desprovido de espiritualidade”, afirmam Monteiro e Júnior (2017, p.18).

Diante dessa situação, observa-se a necessidade de que haja mais engajamento da sociedade, pois é perceptível em grande parte da literatura sobre o idoso dando a entender e simbolizando-o com perdas e privações. Uma mudança nesse processo não depende exclusivamente do idoso como indivíduo e muito mais das instituições que o representam e são, também, responsáveis em oportunizar e criar melhores condições de vida para eles.

Com base nos achados desta pesquisa, identificou-se certa escassez de trabalhos produzidos e com pesquisas incipientes e superficiais, oportunizando à psicologia um campo vasto com possibilidades de intervenção e discussão para que se proporcione vivências e planejamento para oportunizar programas ligados às atividades físicas e espirituais, numa percepção holística e de autonomia do indivíduo, não só no que se refere à forma de cuidados e à saúde em geral do idoso, como à saúde psíquica deste.

Atualmente, o elevado número de pessoas envelhecendo no Brasil, frente às disparidades existentes nesse público e ainda a sua condição de vulnerabilidade social, torna-se preocupante quanto a ofertar melhores condições para um envelhecimento saudável e com autonomia.

Há inúmeros estudos que contribuem para a compreensão do envelhecimento e da velhice e que demonstram o quanto é importante que haja a percepção de que ambos são complexos, que envolvem fatores biológicos, psicológicos e sociais, principalmente, por apresentar um olhar da sociedade construído acerca da identidade do idoso em contraposição a identidade de juventude.

Logo, surgiram curiosidades em aprofundar mais a respeito desse tema e universo, o qual é crescente e preocupante, por ser um processo que necessita da colaboração de todos os setores da sociedade, e requer de cada indivíduo uma construção própria de entender, aceitar e

colaborar para que a velhice e o idoso possam ser vistos dentro de suas próprias limitações como também de suas potencialidades.

Sabe-se que ser cuidadora familiar de idoso é um grande desafio devido as dificuldades impostas por fatores como a falta de informação em relação a função de cuidador, o suporte psicológico, a questão financeira e social, que possivelmente ocasionará em estresse excessivo, e que poderão prejudicar na qualidade do cuidado familiar do idoso.

Neri *et al* (2012) em acréscimo a função de cuidador de idosos, que na literatura gerontológica é utilizado os termos formal e informal, em que, designa-se o primeiro como um tipo de subsistema de apoio preconizado por relações profissionais exercidas por instituições hospitalares, ambulatorios, clinicas geriátricas, asilos e casas de repouso, além de consultórios e outras várias especialidades medicas, e recente ainda, as unidades de apoio domiciliar, em relação ao termo informal, funciona por relações de parentesco, coletivismo e amizade.

A partir desta pesquisa será possível colaborar para a sociedade, de forma abrangente, fornecendo-lhes dados que venham a responder e esclarecer as demandas dessa população, tanto para a elaboração de projetos, quanto para inserção e autonomia do idoso. Deve-se levar em conta que pesquisas e estudos busquem alcançar essa área, que visa contribuir para a saúde psíquica do idoso em suas múltiplas e variadas problemáticas, relacionada a essa fase do desenvolvimento humano. Este trabalho tem sua importância para o conhecimento científico, com intenção de contribuir com a produção acadêmica, elevando o número de trabalhos produzidos, principalmente pela área da psicologia.

O objetivo principal deste trabalho foi reconhecer a importância da afetividade no cuidado familiar com idoso, com resultados demonstrados por meio de fichas síntese que indicaram que os cuidadores familiares são em sua maioria, as filhas e o estresse advindo da função de cuidar tem sua preocupação pelo alto custo, por ter que adaptar o ambiente, tecnologias e materiais necessários ao cuidado de qualidade, e ainda, quanto maior a dependência e fragilidade do idoso, aumenta a tensão excessiva do cuidador familiar.

Quanto à questão da afetividade, os resultados se mostraram escassos, pois a área de estudo em sua maioria é a educação, com autores de renome da psicologia, que tratam o processo de aprendizagem tendo como facilitador a afetividade.

Outrossim, as hipóteses para a ocorrência destes resultados são de que a literatura com pesquisas nessa área necessitam mais dados, com estudos e programas voltados para o perfil dos cuidadores, o contexto do cuidado, que possa contribuir para o aprimoramento de apoio e orientação às famílias, e ainda, a implementar políticas públicas favoráveis à saúde do idoso, como também do cuidador. Além disso, que se enfraqueça as distorções cognitivas acerca de

que velhice e envelhecimento marcado por conceitos reducionistas e que fortaleça a ideia correlata da saúde como um equilíbrio e interação das condições físicas e mentais do indivíduo, que na velhice podem conviver tanto com os limites quanto com potencialidades.

Neste momento, é importante ressaltar o papel essencial de novas pesquisas e estudos com direcionamento que incluam até mesmo os cuidados paliativos, que visem, sobretudo, a ajudar pessoas que estão sozinhas no final da vida.

## REFERÊNCIAS

ADAMO, Chadi Emil; ESPER, M. T., BASTOS, C. F. C., SOUSA, de I. F., ALMEIDA, R. J. de. **Universidade Aberta para a terceira idade: o impacto da educação continuada na qualidade de vida dos idosos**. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. 20(4): 550-560. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/php/rbgg/v20n4/pt\\_1981-2256\\_rbgg-20-04-00545.pdf](https://www.scielo.br/php/rbgg/v20n4/pt_1981-2256_rbgg-20-04-00545.pdf). Acesso em 02 maio 2019.

AMARAL, Vera Lúcia do. **A vida afetiva: emoções e sentimentos**. Psic. da educação; EDUFRRN, 208 p. il. Natal-RN, 2007. Disponível em: [www.ead.uepb.ed.br/pdf\\_arquivos](http://www.ead.uepb.ed.br/pdf_arquivos). Acesso em: 15 mar 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 711 p. Tradução de: Maria Helena Franco Martins.

BERTOLIN, Giuliana; VIECILI, Mariza. **ABANDONO AFETIVO DO IDOSO: reparação civil ou ato de (não) amar?** 2014. Rev. Eletrônica de Iniciação Científica. v. 5, n.1, p.338-360. Disponível em: <https://www.inivalli.br/ricc>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BOCK, Ana Maria Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 368 p.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Ed. Vozes. 28 abr. 2018.

BORGES, M. M. M. C., TELLES, J. L., O cuidado do idoso no contexto familiar: percepção da equipe de saúde da família. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** 13(3): 349-360. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n3/a02v13.pdf>. Acesso em: 01 mar 2019.

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim; VIANA, Terezinha de Camargo. A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. 2011. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** vol. 14 n.3

Rio de Janeiro; 2013; 16(4): 821-832. Disponível em: <http://dx.org/10.1590/S1809-98232011000300018>. Acesso em: 25 mar. 2018.

COMBINATO, Denise Stefanoni et al. "Grupos de Conversa": saúde da pessoa idosa na estratégia da família. 2010. **Psic. Sociedade**. vol.22 n.3 Florianópolis set./dez 2010. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000300016>. Acesso em: 08 mar. 18

CORREA, M. R. **Ensaio sobre o envelhecimento na contemporaneidade: relevos cartográficos**. São Paulo: Ed. UNESP - Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 01 mar. 2019.

DIOGO, Maria José D'Élboux; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. (Orgs). **Saúde e qualidade de vida na velhice**. 4. ed. Campinas-SP: Alínea, 2013. 236 p. (Coleção Velhice e sociedade). Disponível em: [https://www.edisciplinas.usp.br/plungifile.php/345975/mod\\_forum/intro/munruku\\_nre\\_passado\\_e\\_futuro\\_2.pdf](https://www.edisciplinas.usp.br/plungifile.php/345975/mod_forum/intro/munruku_nre_passado_e_futuro_2.pdf). Acesso em: 01 mar 2019.

FREITAS, Maria C. de; QUEIROZ, T. A., SOUZA, J. A. V. de., **O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos**. Rev. Esc. Enf. USP., 44(2): 407-12, São Paulo-SP, 2010. Disponível em: <https://www.reeusp/ee.usp.br/>. Acesso em: 02 maio 2019.

FERREIRA, A. L., ACYOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon com relação à cognição e afetividade na educação. **Educar**, n. 36, p. 21-38, Ed. UFPR. Curitiba, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>. Acesso em: 01 mar 2019.

FRUMI, Cailene; CELICH, Kátia Lilian Sedrez. O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte. 2012. **Revista Brasileira de Ciência do Envelhecimento Humano**. V.3, n.2. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5335/rbceh.2012.78>. Acesso em: 25 mar. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa. EAD - Série Educação a Distância**. 1ª ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélienè. **Henri Wallon**. Coleção Educadores (MEC). Trad. e org. Patrícia Junqueira. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Ed. Massangana, 2010.

HEDLER, Helga Cristina et al. Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso. **Revista Katálysis**, v. 19, n. 1, p. 143-153, 2016.

HEIN, M. A., ARAGAKI, S. S., **Saúde e envelhecimento: um estudo de dissertações de mestrado brasileiras (2000-2009)**. UFT. Ciência & Saúde Coletiva, 17(8): 2141-2150, Palmas - TO, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2012v.17n8/2141-2150/pt>. Acesso em: 01 mar 2019.

LUZARDO, Adriana Remião; GORINI, Naria Isabel Pinto Coelho; SILVA, Ana Paula Scheffer Schell da. **CARACTERÍSTICAS DE IDOSOS COM DOENÇAS DE ALZHEIMER E SEUS CUIDADORES: UMA SÉRIE DE CASOS EM UM SERVIÇO DE NEUROGERIATRIA**. 2006. Texto Contexto Enfermagem. Florianópolis, v.15 (4):587-94. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a06](http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a06). Acesso em: 27 abr. 2018.

MARIN, M. J. S., MIRANDA, F. A., FABRI, TINELLI, L. P., STORNILO, L. V., Compreendendo a História de Vida de idosos institucionalizados. **Rev. Bras. Geriatr. Geront.** 147-154, 15(1). Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pd/rbagg/v15n1/16.pdf>. Acesso em: 01 mar 2019.

MARINS, Aline Miranda da Fonseca; HANSEL, Cristina Gonçalves; SILVA, Jackeline da. **Mudanças de comportamento em idosos com Doença de Alzheimer e sobrecarga para o cuidador**. 2016. Escola Anna Nery, 20 (2) Abr-jun., Rio de Janeiro. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ean/v20n2/1414-8145-ean-29-02-0352pdf](http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n2/1414-8145-ean-29-02-0352pdf). Acesso em: 28 abr. 2018.

MOURA, Maria Marta Duque de; VERAS, Renato Peixoto. Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência. 2017. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 27[1]:19-39. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/physis/2017.v.27.n1/19-39>. Acesso em: 23 fev. 2019.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. 1 edição. Col. Educação em foco. Série educação, história e cultura. São Paulo: Paulinas, 2012.

NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de Vida na Velhice: Enfoque multidisciplinar**. 2 ed. Campinas-SP: Alínea, 2011. 300 p. (Velhice e Sociedade).

NERI, Anita Liberalesso; *et al.* **Cuidar de idosos: no contexto da família: Questões Psicológicas e Sociais**. 3. ed. Campinas-SP: Alínea, 2012. 201 p. (Velhice e Sociedade).

NUNES, Daniella P. B., PEREIRA, T., DUARTE, Yeda A.N. Cuidadores de idosos e tensão excessiva associada ao cuidado: evidências do Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, p. e180020, 2018.

OLIVEIRA, Érika Arantes de; PASIAN, Sonia Regina; JACQUEMIN, André. A vivência afetiva em idosos. **Psicol. cienc. prof.** Mar 2001, vol.21, no.1, p.68-83. ISSN 1414-9893. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000100008). Acesso em 09 mar 2019.

SAÚDE, Organização Mundial da. OMS. **Resumo Relatório Mundial de Saúde e envelhecimento**. WHO/FWC/ALC/15.01, 2015. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>

SBGG. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/doulas-da-morte-auxiliam-pacientes-ao-fim-da-vida/>>

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. 7 ed. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PASCUAL, C. P. **A Sexualidade do Idoso Vista Com Novo Olhar**. Trad. Alda da A. Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PEREIRA, Aline; C. FREITAS; C. MENDONÇA, F. MARÇAL; J.

SOUZA. **Envelhecimento, estresse e sociedade: uma visão**

**psiconeuroendocrinológica**. 2004. Ciência e cognição Vol. 1 Rio de Janeiro. mar.2004.

Disponível em: [http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_artex&pid](http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artex&pid). Acesso em: 17 mar. 2018.

PERLINI, Nara Marilene Oliveira Girardon; FARO, Ana Cristina Mancussi e. **Cuidar da pessoa incapacitada por acidente vascular cerebral no domicílio: o fazer do cuidador familiar**. 2005. Rev. Esc. Enferm. USP. São Paulo, 39(2):154=63. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361033281005>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PROCHET, Teresa Cristina; SILVA, Maria Julia Paes da; FERREIRA, Dejanete Mendes; EVANGELISTA, Viviane Canhizares. Afetividade no processo de cuidar do idoso na compreensão da enfermeira. **Rev Esc Enferm USP**. 2012; 46(1):96-102. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a13>. Acesso em 09 mar 2019.

RABELO, Dóris Firmino. Avaliação das Relações Familiares por Idosos com Diferentes Condições Sociodemográficas e de Saúde. **Psico-USF**. Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 663-675, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v21n3/2175-3563-pusf-21-03-00663.pdf>. Acesso em 09 mar 2019.

REIS, Camila Calhau Andrade; MENEZES, Tânia Maria de Oliva; SENA, Edite Lago da Silva. Vivências de familiares no cuidado à pessoa idosa hospitalizada: do visível ao invisível. **Saúde e Sociedade**, v. 26, p. 702-711, 2017.

REIS, Camila Calhau Andrade; SENA, Edite Lago da Silva; MENEZES, Tânia Maria de Oliva. Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas hospitalizadas e a experiência de intercorporeidade. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 3, 2016.

REZENDE, Ronaldo de. **AFETO, VELHICE E LAZER**. LICERE. UFMG, v. 11, n.3, dez. Belo Horizonte-MG, 2008. Disponível em: [www.lazer.eefd.ufrj.br/licere](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere). Acesso em 15 mar 2019.

RIBEIRO, M. S., BORGES, M.S., ARAUJO, T. C. C. F. A., SOUZA, M. C. S. **Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e a morte: revisão**

**integrativa**. 2017. Rev. Bras. Geriat. Gerontológica 20 (6): 880-888. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/1891-22562017020>. Acesso em: 23 abr. 2018.

RIZZOLLI, Darlan; SURDI, Aguinaldo César. **Percepção dos idosos sobre grupos de**

**terceira idade**. 2010. Rev. Bras. de Geriat. e Geront. v. 13, n.2, pp.225-233. Disponível em:

<http://www.redalyc.org./articulo.oa?id=403838793007>. Acesso em: 26 abr. 2018.

RODRIGUES, D. D; CHINA, E. F. L. C. P; JÚNIOR, M. A; PAIVA, L. C. A importância da

afetividade para a qualidade de vida do idoso em instituições de longa permanência. **Anais**

**CIEH**. 2015. v. 2. n. 1. Disponível em: <https://www.cieh.com.br>. Acesso em: 25 abr. 2018.

RODRIGUES, L. S; SOARES, G. A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade

contemporânea. **Rev. Ágora**. n. 4, p.1-29, Vitória, 2006. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>. Acesso em: 01 mar 2019.

SÁ-SILVA, J. R; GUINDANI, C. D. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.

**Rev. Bras. De Hist. & Ciências Sociais**. n. 1. 2009. Disponível em:

[https://scholar.google.com/scholar\\_lookup?title=Pesquisa](https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=Pesquisa) .Acesso em 01 mar 2019.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na**

**atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2018

SEHN, Ediane; CARRÉR, Janete. Afetividade na Terceira Idade: repensar os sentimento, as

possibilidades e as relações interpessoais. **Fragmentos de Cultura**. Goiânia. v. 24 - Especial

p.15-24, nov. 2014. Disponível em:

<http://www.tede2.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/3574/2077>. Acesso em:

01 maio 2018.

SEIMA, Marcia Daniele; LENARDT, Maria Helena; PEREIRA CALDAS, Célia. Relação no

cuidado entre o cuidador familiar e o idoso com Alzheimer. **Revista Brasileira de**

**Enfermagem**, v. 67, n. 2, 2014.

SILVA, A. P. da. **Conhecimento e afetividade em Spinoza: da reforma da inteligência à potência do conhecimento como afeto**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) 137 f., Marília – SP: UNIP. 2012. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/silva\\_ap\\_me\\_mar\\_pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/silva_ap_me_mar_pdf). Acesso em: 01 mar 2019.

SILVA, Laila Lorena Nogueira Batista da; RABELO, Dóris Firmino. Afetividade e conflito nas díades familiares, capacidade funcional e expectativa de cuidado de idosos. **Pensando famílias**, v. 21, n. 1, p. 80-91, 2017.

SIMONETTO, K. C. C; RUIZ, A; MURGO, C. S. Análise da Produção Científica sobre a Afetividade na Educação. **Colloquim Humanarum**. v.9, n.2, p.48-54, jul/dez. Presidente Prudente, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307834843\\_analise\\_cientifica\\_da\\_producao\\_cientifica\\_sobre\\_a\\_afetividade\\_na\\_educacao](https://www.researchgate.net/publication/307834843_analise_cientifica_da_producao_cientifica_sobre_a_afetividade_na_educacao). Acesso em: 01 mar 2019.

SOUZA, A., PELEGRINI, T. S., RIBEIRO, J. H. M., PEREIRA, D. S., MENDES, M. A., **Conceito de insuficiência familiar na pessoa idosa: análise crítica de literatura**. Rev. Bras. De Enferm., nov. dez. 68(6): 1176-85, Alfenas-MG, 2015.

SPINOZA, Benedictus. **Ética. 1632-1677**. Tradução: Tomas Tadeu; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Disponível em: <https://www.yadi.sk/i/2Lywl3653Jo6Uf>. Acesso em: 02 mar 2019.

STRAUB, R. O. **Psicologia da Saúde**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

VIEIRA, Rodrigo de Sena e Silva; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas psicol.** Dez 2015, vol.23, no.4, p.947-958. ISSN 1413-389X

ZIMMERMAN, D. E; OSÓRIO, L. C. **Como Trabalhamos com Grupos**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.